

DA ESTRUTURA AO ACONTECIMENTO: UMA REFLEXÃO SOBRE A INSERÇÃO DO SUJEITO

Joelma Aparecida Bressanin¹
Márcia Regina de Souza²

RESUMO

O objetivo deste artigo é descrever de que forma Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Michel Pêcheux trabalham a questão da exclusão e da inserção do sujeito em suas teorias, levando em consideração que na teoria saussuriana há a exclusão do sujeito e, nas teorias benvenistiana e pecheutiana, há a sua inclusão. Queremos refletir acerca das diferentes abordagens do sujeito e da subjetividade feita pelos autores para compreender de que forma elas são desenvolvidas em suas teorias, uma vez que seus estudos trazem importante contribuição para o desenvolvimento das ciências da linguagem.

Palavras-chave: sujeito, subjetividade, sentido.

1. Palavras iniciais

Propomos, neste trabalho, pensar sobre os diferentes momentos históricos de fundação, construção e difusão das teorias linguísticas, tendo como referência os trabalhos de Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Michel Pêcheux no que se refere à questão da inserção ou não do sujeito em suas reflexões.

Inicialmente, apresentamos da teoria estruturalista e as exclusões feitas por Saussure, ao definir a língua como objeto de estudo da Linguística, instituindo-a, por meio desse gesto, como uma Ciência da linguagem. Para isso, tomamos como material de análise, o *Curso de Linguística Geral*, conhecido como CLG. Trata-se de uma obra póstuma, organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye, a partir de três cursos de

¹ Profa Dra do Programa de Mestrado em Linguística e do Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Cáceres-MT, Brasil. E-mail: joelmaab@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Cáceres-MT, Brasil e bolsista de iniciação científica FAPEMAT.
E-mail: marcia_rsp@yahoo.com.br

Linguística ministrados pelo mestre, na Universidade de Genebra, no período entre 1907 e 1911.

Em seguida, apresentamos alguns pontos importantes da teoria de Benveniste e da subjetividade e, nos pautamos nas obras *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*.

Posteriormente, fazemos uma breve reflexão a respeito da concepção de sujeito para a teoria da Análise de Discurso, desenvolvida, na França, por Pêcheux e difundida, no Brasil, por Orlandi, observando o modo como esta disciplina de entremeio se relaciona e/ou se distancia das concepções estruturalistas.

Além das obras mencionadas, recorreremos também a Eduardo Guimarães (2002), em *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*, em que o autor aborda as exclusões feitas por Saussure e a forma como a Semântica busca incluí-las, destacando os principais estudos de alguns autores neste campo, dentre eles, os de Benveniste. Reportamo-nos também a obra *O discurso: estrutura ou acontecimento*, de Michel Pêcheux (2008) e *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*, de Eni Puccinelli Orlandi (2001), em que buscamos uma compreensão sobre a Análise de Discurso e, ao texto *Análise de discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso*, de Maria Cristina Leandro Ferreira (2010), em que a autora faz uma reflexão acerca da concepção de sujeito sob a perspectiva discursiva.

Propomos discutir e confrontar as teorias não no sentido de estabelecer uma comparação e valoração, mas sim de mostrar a contribuição e a pertinência de seus estudos que de certo modo vão direcionar o desenvolvimento dos estudos da linguagem no Brasil.

2. A língua como objeto da Linguística e a exclusão do sujeito na teoria saussuriana

A Linguística passa a ser reconhecida como ciência a partir do início do século XX, quando Ferdinand de Saussure define a língua como seu objeto de estudos.

Ao estabelecer a língua como objeto da Linguística, Saussure exclui tudo o que considera externo a língua e, uma das principais exclusões feitas pelo autor é a fala, pois para o autor:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; este estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica (SAUSSURE, 2006, p. 27).

Nessa clássica distinção entre língua (*langue*) e fala (*parole*) proposta por Saussure, podemos observar a manifestação da subjetividade como inerente à fala e não à língua. Portanto, se é da língua que se ocupará o linguista, há neste processo, a exclusão do sujeito, visto que é por meio do ato da fala que o indivíduo manifestará suas impressões sobre o mundo.

Quando define a língua como psíquica, Saussure está se referindo aos processos mentais, que dizem respeito à associação feita pelo indivíduo de um significante (imagem acústica) a um significado (conceito já estabelecido pela sociedade). Por exemplo, ao observarmos o signo *livro*, nos remetemos a um objeto simbolizado por uma capa e diversas folhas de papel organizadas, sequencialmente, e que contém um texto, podendo ele ser artístico ou científico.

Essa associação ocorre porque já está convencionado em nosso meio social que o signo *livro* está representado na língua portuguesa, pela associação entre o significante *livro* e o seu significado, objeto específico descrito acima.

Para Saussure, a língua é objetiva, pois consiste em um sistema que ele define como social, já que cada grupo possui um determinado conjunto de signos pré-estabelecidos, que permitem aos indivíduos expressar seus pensamentos e se comunicarem uns com os outros.

Além disso, Saussure afirma que nenhum indivíduo pode modificar um signo de acordo com a sua própria vontade, o signo é convencional e arbitrário, para que um signo se modifique, é necessário que haja uma espécie de consenso entre os usuários dessa língua, que devem incorporá-lo ao seu léxico e, essa é uma mudança que não ocorre de maneira imediata, é necessário um determinado tempo para que um novo signo se incorpore a uma língua e, essa é outra exclusão feita pelo autor, visto que considera que o estudo da língua deve ser sincrônico, ou seja, a língua considerada em um determinado período estático do tempo, excluindo o método diacrônico, que estuda a língua levando em consideração sua evolução ao longo do tempo.

Já ao se referir à fala como sendo individual, Saussure (2006, p. 22) coloca que ao contrário da língua, a fala é “um ato individual de vontade e de inteligência”, no qual se pode distinguir: a) as combinações realizadas pelo falante no propósito de exprimir seu pensamento pessoal e b) o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações. A nosso ver, Saussure está se referindo a subjetividade, pois para ele, é por meio da fala que o indivíduo se expressa de maneiras diversas e, diferente da língua, a fala concede autonomia ao indivíduo, que pode modificá-la, conforme o contexto em que se dá a comunicação e, também, de acordo com sua vontade.

Eduardo Guimarães, ao se referir aos estudos de Saussure, ressalta que para o autor é importante considerar a língua enquanto sistema, ou seja, a língua por ela mesma: “[...] a língua é constituída de signos e estes se definem pelas relações que têm entre si, sem recursos a nada que seja exterior” (GUIMARÃES, 2002, p. 19).

Todavia, o fato de excluir a fala dos estudos da Linguística, não significa dizer que o autor não a considere importante, ele apenas ressalta que, por ser muito abrangente, faz-se necessária uma ciência específica para os estudos da fala, uma *Linguística da fala*, que conforme Bally e Sechehaye destacam no prefácio da primeira edição do *Curso de Linguística Geral*, foi prometida por Saussure aos participantes do seu terceiro curso, mas que o autor não chegou a concluir.

Saussure, inclusive, evidencia que “[...] a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça” (SAUSSURE, 2006, p. 27). Dessa forma, o autor demonstra que há uma relação de interdependência entre língua e fala e, embora faça a distinção entre ambas, considera não ser possível desvincular uma da outra.

A crítica de Guimarães (2002, p. 20) direcionada à teoria saussuriana sobre a língua enquanto sistema vai na seguinte direção:

[...] o corte saussuriano é a culminância bem sucedida teoricamente de uma história de exclusão do mundo, do sujeito, por tratar a linguagem como um percurso interno: a linguagem expressa o pensamento... o corte saussuriano exclui o referente, o mundo, o sujeito, a história.

É na discussão acerca da subjetividade e da exclusão/inclusão do sujeito que está nosso objeto de reflexão, pois, outras teorias desenvolvidas, posteriormente, levam em consideração a inclusão do sujeito no processo enunciativo.

Um dos principais estudiosos a desenvolver trabalhos nessa direção é Benveniste, que diverge da teoria saussuriana, ainda que sem contestá-la, visto que o autor busca não desqualificar a teoria estruturalista, mas apresentar uma forma distinta de se analisar o sistema da língua.

3. A inclusão do sujeito na teoria benvenistiana

Benveniste, diferente de Saussure, não considera a subjetividade como sendo inerente à fala, mas à língua em funcionamento, pois para o autor, no momento da enunciação o que importa não é a mensagem que está sendo transmitida, mas a subjetividade do locutor, ou seja, o indivíduo que se apropria da língua e produz sentidos por meio do seu discurso.

Portanto, há neste processo enunciativo, a inclusão do sujeito, pois para Benveniste (2005, p. 286): “é na linguagem e somente pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”.

Quando o autor se refere à subjetividade, está falando do ego, do “eu” de cada pessoa. Para Benveniste, não há discurso neutro, cada vez que um indivíduo assume a posição de locutor em um processo enunciativo, expressa sua subjetividade no discurso, ocorrendo assim, a transição de *indivíduo* para *sujeito*.

Embora ambos os autores sejam estruturalistas, na teoria saussuriana, o sujeito é externo às estruturas, já a teoria benvenistiana inclui o sujeito como responsável por apropriar-se da língua, pois de acordo com Benveniste (2005, p. 281): “o hábito nos torna facilmente insensíveis a essa diferença profunda entre a linguagem como sistema de signos e a linguagem assumida como exercício pelo indivíduo”. Podemos observar, então, que enquanto para Saussure a língua deve ser estudada “em si mesma e para si mesma”, excluindo tudo que for considerado exterior a ela, inclusive o sujeito, para Benveniste, a língua deve ser estudada em seu funcionamento, a partir da apropriação que o indivíduo faz da língua enquanto locutor, considerando, portanto, o sujeito como fator integrante do processo enunciativo.

Para Guimarães (2002, p. 45), Benveniste estabelece uma relação dialógica com Saussure, partindo das reflexões que ele tece sobre o sistema linguístico para, justamente, romper com a barreira que o sustenta – o sistema – por meio do estudo da significação e, mais precisamente, da subjetividade na língua. “Por esta via ele procura manter o sistema

fechado em si, mas que tem paradigmas próprios para a constituição da subjetividade, ou melhor, da intersubjetividade da linguagem”.

Para Benveniste (2005), é a partir do uso dos pronomes que a subjetividade se expressa no discurso, sendo distinguidos pela noção de pessoa, ou seja, *eu* e *tu* são consideradas pessoas do discurso, pois possuem participação efetiva no processo enunciativo, o *ele* (terceira pessoa), é considerado uma “não pessoa”, pois é apenas um referente, não possuindo participação efetiva no enunciado.

De acordo com Benveniste, as posições de *eu* e *tu* podem ser variáveis, pois considera que “a linguagem de algum modo propõe formas ‘vazias’ das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua ‘pessoa’, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu*” (BENVENISTE, 2005, p. 289).

Ao se referir a formas “vazias”, Benveniste está se remetendo a possibilidade de mudança de posição entre o *eu* e o *tu*, durante o processo enunciativo. O indivíduo, que em determinado momento, aparece na posição de *tu* (interlocutor) pode se apropriar do *eu*, ao assumir a posição de locutor, portanto, essas formas não são fixas.

Segundo o autor (2005, p. 279), “*eu* é o indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística *eu*. Conseqüentemente, introduz-se a situação de alocação, obtém-se uma definição simétrica para *tu*, como o indivíduo alocutado”. O *ele* tem por função combinar-se com uma referência objetiva de forma independente da instância enunciativa que a contém. Por isso, ao opor *eu/tu* (categoria de pessoa) ao *ele* (categoria de não pessoa), opõe-se a esfera subjetiva da língua à esfera objetiva.

A categoria de pessoa, como observamos, é o fundamento linguístico da intersubjetividade e a sua referência é ao *eu*. É identificando-se como pessoa única, pronunciando *eu*, que cada um dos locutores se propõe alternadamente como “sujeito”. Nessa direção, Benveniste formula o conceito de dêixis que está marcado na língua e é colocado em funcionamento cada vez que o sujeito a enuncia. Assim, podemos afirmar que, para o autor, toda língua é dêítica, na medida em que precisa ser referida a quem enuncia para ter sentido. E nesse caso, a dêixis (*eu*, aqui e agora) não é um mecanismo de referência ao mundo, mas ao sujeito.

É por meio do conceito de enunciação, que a teoria benvenistiana instaura um nível, que não se reduz nem à língua nem à fala, mas que as constitui. A enunciação é “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82), ou seja, a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso.

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (p. 83-4).

Observamos que o aparelho formal da enunciação apaga as fronteiras entre língua e fala, visto que os elementos que o constituem pertencem aos dois níveis do ponto de vista do campo enunciativo. O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. A enunciação é uma relação do sujeito com a língua.

4. A concepção discursiva de sujeito

Como podemos observar, a questão do sujeito é bastante complexa e esta temática não se restringe apenas à Linguística, mas também interessa outras áreas do conhecimento, que estabelecem uma interface com a Linguística. Um exemplo disso é a Análise de Discurso (AD), desenvolvida por Michel Pêcheux na França, por volta da década de 1960, período em que o estruturalismo vivia o seu auge e, que tem como precursora no Brasil, Eni Puccinelli Orlandi, que inicia suas pesquisas na área, durante a década de 1970, em um contexto de ditadura militar.

A Análise de Discurso é considerada uma disciplina de entremeio, pois se relaciona a três outras áreas de conhecimento, sendo, o Marxismo, a Psicanálise e a Linguística, das quais em alguns pontos se aproxima e, de outros se distancia. Como ressalta Maria Cristina Leandro Ferreira a esse respeito:

A interface com a Linguística foi sempre a mais desenvolvida; e isso não chega a surpreender, se considerarmos a conjuntura da época e o papel desempenhado pela assim chamada *ciência-piloto* entre as ciências humanas (FERREIRA, 2010, p. 03).

A Análise de Discurso recorta como objeto teórico o *discurso* como estrutura e acontecimento (PÊCHEUX, 2008, p. 16). O acontecimento é o ponto de encontro de uma atualidade e uma memória. A memória corresponde ao saber discursivo (interdiscurso) que faz com que ao falarmos/escrevermos, as palavras produzam sentido, fazendo circular formulações já enunciadas. Dessa forma, ao desenvolver seus estudos, Pêcheux estabelece um vínculo com os estudos de Saussure, se apropriando de determinadas concepções e, divergindo de outras, como ressalta Ferreira:

Pêcheux foi sempre, em todos os estágios da teoria do discurso, um fiel tributário da linguística saussuriana e de seus postulados básicos, como o conceito de signo e de valor, a ideia de sistematicidade do sistema e a noção de funcionamento da língua. Mas Pêcheux foi também um leal oponente a essa teoria linguística, distanciando-se dela para fazer intervir o conceito de discurso. Para isso foi preciso romper com o corte saussuriano de *língua/fala* e mudar a relação entre os termos do novo par *língua/discurso* de oposição a *contradição* (FERREIRA, 2010, p. 03).

Esse deslocamento, continua a autora, traz algumas implicações na concepção de língua para a Análise de Discurso, que não é mais a mesma da Linguística. A AD não trabalha com a noção de língua fechada e homogênea, mas a língua que admite a falta, o furo, a falha. Incorpora o termo “real da língua”, trazido por Milner da psicanálise, para dizer da incompletude que é própria da língua.

No entanto, ainda que se distanciando do corte saussuriano de *língua/fala* e incluindo o sujeito em seus estudos, a Análise de Discurso pecheutiana também não se aproxima inteiramente da concepção de sujeito benvenistiana, apesar de ambas considerarem que o sujeito se constitui na/pela linguagem, quando este assume uma posição no discurso. Benveniste trabalha com um sujeito de vontade, como menciona Guimarães (2002, p. 47), ao se referir à centralidade do sujeito da enunciação de Benveniste: “um sujeito que tem a capacidade de apropriar-se da língua e semantizar, e fazer significar”.

A Análise de Discurso, por meio da interface com o Materialismo Histórico e a Psicanálise, trabalha com um sujeito descentrado, sem intenção, um sujeito histórico, afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia. Nessa perspectiva, o sujeito se submete à língua para se subjetivar, “não há nem sentido nem sujeito se não houver

assujeitamento à língua, na história” (ORLANDI, 2001, p. 100). Afinal, a história intervém na língua e no processo de constituição dos sentidos.

Segundo Ferreira (2010, p. 11), na AD, “todo discurso é atravessado pelo discurso do Outro e por outros discursos, sendo a alteridade entendida como condição constitutiva”. Portanto, o sujeito não é origem do que diz, mas possui a ilusão de autonomia, a ilusão de ser dono do seu dizer.

Como não é nosso propósito discorrer com maior profundidade sobre a teoria discursiva, mas por em debate o modo como as teorias sobre a linguagem produzem permanências e ressonâncias, tais como: os princípios fundantes da ciência propostos por Saussure, a partir da clássica dicotomia língua e fala; a valiosa contribuição dos estudos enunciativos desenvolvidos por Benveniste, ao tratar do sujeito e da subjetividade; e, por fim, pensar na relação da língua com o sujeito e com a exterioridade. Isto é, entender, por meio desse gesto de leitura, como são elaboradas as adesões com deslocamentos e as críticas formuladas por Pêcheux e desenvolvidas por Orlandi e outros analistas brasileiros.

Vale destacar, ainda, que as convergências e divergências entre uma e outra teoria são compreensíveis, se levarmos em consideração que quando falamos em estudos científicos, nada está pronto, tudo é processo.

5. Considerações finais

Saussure, considerado o “pai da Linguística”, foi o responsável por instituir a Linguística como ciência, concedendo a ela autonomia em relação a outros domínios, embora continue mantendo relações com alguns deles. A partir dos estudos de Saussure, muitos outros foram desenvolvidos. O *Curso de Linguística Geral* se difundiu, praticamente, por todo o mundo e é considerado um livro indispensável para os estudiosos da linguagem, mesmo para aqueles que questionam e contestam sua teoria, ou dela discordam.

Benveniste contribui ao pensar a subjetividade em seus estudos acerca da enunciação, observando como se constroem os sentidos pela apropriação que o indivíduo faz da língua, colocando-a em funcionamento e se constituindo, desse modo, em sujeito de linguagem e, também, ao pensar os signos não apenas como componentes de um sistema, mas a partir de sua inserção no discurso.

Pêcheux e outros analistas do discurso observam que na perspectiva discursiva o sentido se constrói na relação com o interdiscurso e a enunciação se caracteriza, portanto, como um acontecimento de linguagem, atravessado pelo interdiscurso e como espaço de funcionamento da memória. E o sujeito é aquele que, quando enuncia, o faz afetado pelo interdiscurso e pela memória que funciona nele, historicizando seu discurso. O que vai marcar diferença na concepção de sujeito para AD da proposta desenvolvida por Benveniste, é que mesmo não sendo a fonte de seu dizer, o sujeito discursivo tem a necessidade de ilusão de sê-lo.

Considerando que o objetivo proposto, nesse trabalho, foi o de apresentar as diferentes abordagens da língua, da subjetividade e do sujeito feitas por estes autores e de pensar no modo como estas são desenvolvidas em suas reflexões, cabe-nos reafirmar que a legitimidade dos estudos das diferentes teorias – estruturalistas, enunciativas, materialistas – decorre dos objetos que instauram e dos procedimentos metodológicos que desenvolvem. Saussure já anunciava em 1916: “o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2006, p. 15).

Por fim, queremos frisar que o fato de investigar a linguagem, indiferentemente do ponto de vista (sistema, interação, acontecimento), requer que se estabeleça um recorte de análise, cujos objetivos atendam às especificidades teórico-metodológicas de cada perspectiva.

Referências

BENVENISTE, Émile (1966). *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum – 5 ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2005.

_____. (1974). *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Revisão técnica do prof. Eduardo Guimarães 2 ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2006.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso*. In: *Organon*. Nº. 48, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28636>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas/SP: Pontes, 2 ed., 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP, 2001.

PÊCHEUX, Michel (1988). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 5 ed. Campinas/SP: Pontes, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de (1916). *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein – 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

FROM STRUCTURE TO THE EVENT: A REFLECTION ABOUT THE SUBJECT'S INSERTION

ABSTRACT

The main target of this article is to describe how Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste and Michel Pêcheux work the issue of exclusion and inclusion of the subject in their theories, assuming that in the Saussurean theory there is the exclusion of the subject and, in Benveniste's and Pêcheux's theory, its inclusion. We want to reflect on the different approaches of the subject and subjectivity made by the authors, willing to understand how they have been developed in their theories, since their studies bring important contributions to the development of the science of language.

Keywords: subject, subjectivity, sense.

Recebido em 30/04/2015.

Aprovado em 02/07/2015.